

Proposição artística: *Nudesdelrey*, Lucas Koester (MT)

Crítica em processo

Por Raphael Vianna

O trabalho do performer Lucas Koester, apresentado na mostra de processos da Aldeia Guaná 2016, incide sobre as possibilidades de transmutação do corpo, emergindo e submergindo expectativas sobre aquilo que se vê e aquilo que se intui sobre o visto.

As dinâmicas de iluminação com o celular provocam grande interesse sobre o que ela atinge, dando à luz a parte em detrimento do todo. O celular também é o elemento que traz à luz reflexões sobre o lugar do externo/interno do corpo, sobre o dentro/fora de si e as tentativas compulsivas e frustradas de registro deste *self* que nunca se revela e por isso se mascara em diversas caras *ad infinitum*. Os movimentos de Koester registrando *selfies* com o celular denotam de forma concreta aquilo que pode ser considerada uma das maiores mazelas da pós-modernidade: o roubo e a cafetinagem da subjetividade dos indivíduos pelas mídias de comunicação a serviço da irracionalidade do capital.

O figurino acrescenta novos contornos ao corpo de Koester, afirmando sua maleabilidade e potência de ser plural. Por vezes os movimentos enunciam algo que transborda do corpo, uma inquietude gradativa que cria atrito com a insistência na manutenção de um corpo cotidiano, deformando-o, transformando-o; reivindicando o lugar fora daquele casulo.

A trilha sonora, antes limitada ao uso do próprio artista a partir de fones de ouvido, se transmuta pela amplificação das caixas de som do teatro na forma de canção. A luz, que antes se restringia ao celular, ganha o espaço da cena anunciando um retábulo transluminescente suspenso na parte central da cena.

Esse retábulo parece ser um elemento de viragem na cena, uma vez que ele anuncia a luz que desestabiliza o corpo, como um “ato de luz” que desperta a consciência do incontido interior corpóreo. Em dado momento tem-se a impressão que seu corpo toma consciência da própria tridimensionalidade, como uma figura que se desprende de um quadro.

Os detalhes são então expostos; o corpo, o som, a nudez da caixa cênica. Estamos diante da materialidade enquanto revelação. Conduzidos pela bela música de Rufus Wainwright – *Hallelujah* – a cena abre espaço para uma possível leitura sagrada e profana. A luz denota um caráter de “anunciação”, aos moldes de uma pintura barroca, tendo a figura do arcanjo Gabriel ressignificada pela luz que atravessa a moldura superior. A passagem cerimonial de Koester, cruzando seminu a cena, imprime postura messiânica ao seu corpo, remetendo ainda ao conto de Hans Christian Andersen (*A roupa nova do rei*), sugerido pelo título (*nudesdelrey*). Assim, a cena final oscila entre a nudez sagrada do Cristo, rei dos judeus, ressuscitado e a nudez profana do soberano descrito por Andersen, rei dos tolos, que vivem da manutenção da ilusão de suas vestes.

Conjecturas e interpretações à parte, o trabalho de Koester consegue agenciar territórios simbólicos e sensíveis de forma bastante inteligente e tocante, anunciando que diante do indizível estamos todos nus.

*- Texto escrito em oficina de crítica no âmbito do projeto Cena em Questão, no Sesc Arsenal (Cuiabá-MT), a partir da programação da Aldeia Guaná, no período de 13 a 17/9/2016.*